

TRANSCRIÇÃO – HISTÓRIA ORAL (2º TRIMESTRE/2017)

E: Entrevistador

MR: Maria Rita

MR: Lá quando eu fui crescendo, crescendo, na idade de dez... nove... oito, nove *ano*, dez *ano* meu pai contava tudo que passou dentro daquela aldeia. E *pro* *cê* *vê* que eu com essa idade novinha... era pra *mim* não tá lembrando, mas eu peço pra Deus nunca eu esquecer dessas coisas. Então, daí, quando, quando meu pai, minha mãe chegou lá, é... era mato. Mato, mato *memo*. E ainda tinha Kaingang só de... de tanga. Aí, como os *branco* *foi*, andou cortando todas aldeia *envorta*, *envorta* das *aldeia*. Aí foi acabando. Hoje só tem 300 e lá um pouquinho de alqueire. Era muito, aquela terra. Aí meu pai conta... contava pra mim que... que... lá cresceu, foi todo mundo, todos os índios lá. Quando fazia festa deles, eles *memo* *fazia*, eles *memo* *fazia* a festa. Aí, quando chegou esses... esses *branco* que... cortando mato, os *índio* não aguentou. Começou a atacar os *branco*. Aí, os *branco* chamou mais pessoal branco deles, matou mais de metade de índio ali dentro daquela aldeia. Foi matando, matando. Aí os *índio* não aguentou. Daí começou a gritar, gritar, daí chegou outro branco lá para ver o que que *tava* acontecendo, porque os *índio* gritava mesmo. E dentro daquela mata os *índio* gritava. Aí, de repente, chegou bastante gente *branco* entrou lá dentro da aldeia, aonde *tava* os *índio*. Eles *queria* atirar nele, aí o branco falou "Não, não, nós *vamo* te abraçar, nós *vamo* te ajudar". Aí ele chamou, aí ele falou "Por que que eles estão roubando as terras? Por que eles *quer* tomar terra e nó... aonde nós vamos ficar?", choraram tudo... "aonde nós vamos morar?". Aí o branco foi, ligou para São Paulo. Que nesse tempo São Paulo era pequenininha né? Ligou lá e veio... não sei se é 20 *polícia*, eles me contam. Veio um monte de *polícia*, foi lá cercar e pegou... mais de não sei quantos brancos *foi* preso. E a terra parou, parou ali mesmo. Aí começou a fazer as *terra*, aí os *índio* começou a parar por causa que só tinha pouquinho, né, só tinha pouquinho índio, parou tudo. Aí começou a passar o avião com comida, com roupa, com mistura, carne e peixe. Eles passavam assim e

os *índio* atacava... a flecha no avião. Aí de lá descia, passava baixo e tacava comida tudinho no chão. Aí diz que os *índio* ia tudo lá pra catar, pra ver o que que era. Cheirava tudo e jogava tudo... arroz, açúcar, é tudo, tudo. Agora, carne eles pegaram. Daí o... o cacique deles falou que não era pra pegar carne, que senão... se for pra comer nós vamos morrer, aí vai ficar *mais pouco* índio. Aí ninguém *comeram* carne, ninguém! Aí foi indo, foi indo, foi passando. Daí as *polícia* ajudou lá também. Aí os índio que andava tudo de... de... de tanga assim acabou também, não tinha mais, tinha bem pouco. Aí meu pai... meu pai morava pra cá, aqui perto de Tupã. Aí como meu pai foi pra lá... foi pra lá, aí chegou lá e ajudou também. Aí meu pai ficou morando lá. Aí ajudou bastante os Kaingang de lá, lá da aldeia. Daí foi acabando, acabando, aí... melhorou! Melhorou tudo, cada um foi roçando sua parte, eles... no avião, eles só *cataro* enxada, foice, enxadão, machado, facão, lima pra amolar... os *índio* catou tudo isso pra fazer umas *terra* pra eles. Daí ficou... daí os *índio* começou a fazer umas *terrinha*. De repente chegou aquelas *doença*, febre amarela, e os *índio* não sabia o que que era doença. Aí foi indo e foi morrendo um monte de índio, aí eles fizeram um carro...o carro que pega com boi, burro. Então eles *pegou*, fizeram com a roda de pau, foi pregando, pregando, até fez a roda de... de pau; foi caçando *todinho* os *índio* morto, aí outros *índio* foi lá e abriu um baita de um buracão assim, jogaram folha de coqueiro - tudo quanto é folha - dentro daquele buraco pra jogar os *morto* lá. Aí jogaram os *morto* lá, aí jogaram bastante folha também... bastante folha. Aí enterraram esses índios lá. Aí veio médico, veio... veio de tudo, de tudo lá naquela aldeia. Aí começaram a fazer remédio pra eles, injeção. Ninguém queria tomar injeção, os *índio*! Aí precisou o cacique deles, dos *índio*, chegou lá em cada um, agradando eles né, "Porque se você não toma, amanhã você vai morrer! Como que você vai viver?", aí eles tomavam. Aí vinha todo mundo... fazia...vinha a roda assim. Aí andou tomando remédio, injeção, aí a... minha mãe, lá naquela aldeia - minha mãe não era de lá - lá naquela aldeia Icatu, minha mãe chegou a ir embora pra lá com a minha tia; diz que a minha tia com febre que *tava*... febre mesmo! E a minha mãe fazendo comidinha pra ela. Porque comida de... nosso lá de... de índio é socado milho preto, fazendo aquele... sopa pra dar pra ela. Aí quando minha mãe acabou de fazer e foi levar no quarto pra ela, cadê a minha tia? Que eu não tinha nascido ainda.

Meu pai e minha mãe que conta isso. Aí ela... minha mãe procurou minha tia em tudo quanto é lugar e não achou; aí veio outra índia lá de baixo gritando, mas gritando! Aí minha mãe saiu correndo, ela falou "Que que foi?", aí contou "A Isabela tá lá morta lá na mina!". Aí foi lá ver, ela levou a cabaça assim... a cabaça desse tamanho assim pra trazer com a água, aí ela caiu, acho que caiu e partiu a água na cabeça dela. Aí ela morreu... lá na mina mesmo, que ela *tava* com febre, chegou lá e foi tomar banho, tomou água fria; não aguentou nem subir a casa, morreu lá mesmo!

E: Depois que... tudo isso, essa tragédia toda, eles conseguiram criar a senhora dentro da cultura Kaingang?

MR: Começou a criar. Aí... minha mãe foi, minha mãe casou com meu pai, que minha mãe era... era... era casada, meu pai também. Os dois *era* viúvo. Porque na briga que tinha mataram eles, né. E casaram os dois. Aí, aí ela teve dois filhos, depois tinha uma filha - que é minha irmã mais velha - aí o *último* foi eu, que eu nasci dentro da casa né. Aí nasci lá, graças a Deus minha mãe me criou lá. Teve uma patroa que levou eu pra casa lá da sede. Não sei se vocês chegaram a ver a sede lá. Lá dentro daquela sede eu fiquei lá um mês e quinze dias; dentro daquela sede pra poder criar eu, que diz que eu era desse *tamanzinho*, cabia num sapato... caixa de sapato. Aí a patroa, medo de eu morrer, me levaram lá. E criou! E tô aqui! Firme!

E: Foi a mãe da senhora que ensinou a senhora a fazer cerâmica?

MR: Foi! Aí eu crescendo, crescendo. Quando eu *interei*... 5 aninhos eu já comecei a fazer a cerâmica. Minha mãe falava, falava, falava. Aí eu comecei a fazer, tudo que eu fazia eu *ponhava* assim na mesa. Ela falou... ela falou pra mim tudo na linguagem "(kaingang)". Aí eu peguei e fazia. E tô aqui com ela ainda.

E: E a senhora... é... tá criando os netos da senhora também na cultura, ensinando a fazer cerâmica, ensinando a fazer tudo?

MR: Eu ensino. As outras tudo já *cresceu*, já é moça né, e eles não... não vai por causa que tá estudando, o outro trabalha né. Agora, o que tá com... oito *ano*, é oito *ano* já tá começando a fazer comigo. Esses dias ela queria fazer comigo, só que eu não mexi né, elas *queria* fazer; e a minha netinha também já fez, também. Elas *quer* fazer o colar também, eu ensino. Na linguagem minha também eu falo pra elas. É assim.